

## EDITORIAL

Viver é compor um processo de produção de sentidos. E uma vez que os sentidos são objeto de disputa na sociedade, então as *Semioses Femininas* se dão como que num confronto onde o objetivo é não só o de marcar o lugar, mas também de, a partir dele, vislumbrar interpretações sobre o mundo. Assim se dá a construção do feminino como observamos nas últimas décadas e que não se trata somente de uma ideia de feminino das passeatas de universitárias na Europa da década de 1970. Em movimento, o feminino é mais! É sobretudo um cotidiano de ações que marcam um fronte no qual poucos resultados tomam dimensão no imaginário coletivo. E assim as passeatas de mini-saia se ligam com as batalhas de mulheres faveladas que questionaram a violência estatal em 2018, com professoras que a partir do seu espaço íntimo familiar reconstruem o aprendizado dos seus alunos pelo ensino remoto no momento atual e de homens que ao se deslocarem na relação de gênero percebem os instrumentos opressores sobre a sexualidade transgênera.

O Dossiê “Semioses femininas” aqui apresentado contribui com o tema acima porque oferece um panorama dos sentidos em construção, e assim em disputa, acerca do que constitui o feminino. Mais ainda, os textos e as reflexões trazidas mostram que a disputa ultrapassa noções de espaço geográfico, de classes sociais, de cor da pele – apesar de que essas, muitas vezes, se somam para materializar situações de extrema vulnerabilidade da mulher.

Coube a mim a honra de apresentar aos leitores este Dossiê, motivo pelo qual agradeço muito às organizadoras. Mas antes de apresentar os textos que o compõem, penso ser merecida uma reflexão sobre os efeitos da sua leitura. Diz a teoria dominante que não há texto neutro, e que também não há leitura descontextualizada ou que possa ser feita fora de um lugar no mundo. Consideradas como hipóteses, tais considerações obrigam a uma apresentação pautada na vigilância epistemológica, na qual quem apresenta deve se deslocar. Por isso é que diante do tema de semioses femininas o desafio que me coube foi o de me repensar, de resignificar meu lugar no mundo a partir do qual falo e de lançar um olhar crítico sobre a apresentação que faço – afinal, apresentar é oferecer ao leitor um ponto de partida do olhar sobre o texto.

Começo então pelo “apresentar”, pois esse deve compor um início que não diz algo novo. Isto porque o início não é de agora, nem as palavras, nem os discursos. Há séculos mulheres gritam para expor a dor, para dizer não, para parar o outro. Este outro que lhe é estranho porque não experiencia o mundo do mesmo modo, e assim facilmente assume a postura de indiferença diante dos gritos. Ora, sendo homem, cabe questionar sobre o quanto me faço indiferente, e daí já indagar sobre minha competência para apresentar.

Só que o texto também é instrumento, e assim as palavras que o compõem trazem consigo a história que forma e transforma o presente. Sou eu então sujeito, mas sem deixar de ser assujeitado. Sou homem, mas me componho a partir da vivência e dos sentidos que socialmente são constituídos. Então já não sou, mas estou sendo. E se estou sendo, posso ainda vir a ser, e por tal processo me deslocar da indiferença para o compromisso. Compromisso e não outro termo, pois as leituras mostram que o feminino denuncia procedimentos de exclusão amplos nos quais a mulher é uma das vítimas, assim como são a criança, o indígena, o analfabeto, o deficiente, os modos de vida chamados marginais, etc. O compromisso é com todas e todos pois o feminino não exclui.

A mudança é o que está em jogo na luta do feminino. Mudança porque o feminino é constituído pela experiência de mulheres no mundo e sobre o mundo. Ao observarem e questionarem essa experiência, mulheres se empoderam e produzem, pela luta, movimentos de oposição e contra-ideológicos que colocam em xeque o *status quo* social.

Mostram os textos que compõem este Dossiê que a luta não tem idade. Assim Luana Passos e Cláudia Maria Ceneviva Nigro tomam como objeto a literatura infantil e questionam seu papel na construção do imaginário feminino. Os sentidos colocados pelos objetos culturais escolares sobre ser criança e ser menina na sociedade brasileira também são tema em disputa, uma vez que podem reforçar ou questionar os padrões em vigor. Em “De laço de fita no meu *black power*: protagonismo feminino negro na literatura para crianças” as autoras nos levam a olhar para as personagens negras femininas presentes nas literaturas infantis da atualidade. Seus nomes, suas vestimentas, seus papéis centrais e decisivos nas narrativas, são modos de fazer uso de uma linguagem literária para afirmar o protagonismo feminino negro. Pela condução trazida pelas narrativas é que a criança ingressa na história do seu país, percebendo que negra não é só cor, e sim que engloba um lugar que devemos assumir como sujeitos no mundo.

Também a literatura é investigada no artigo de Mayara Regina Pereira Dau Araujo e Aline Welter Strapasson. Mas aqui a análise toma o lugar da autoria, pois a literatura pode ser instrumento de libertação da voz do feminino. O título do artigo “Nem vilãs nem heroínas. Nem guerreiras nem fracas. Humanas. A voz da mulher negra em “Insubmissas lágrimas de mulheres” já dá pistas dos rumos da análise sobre a obra de Conceição Evaristo. As autoras propõem que a obra seja lida como uma superação às dicotomias correntes da literatura sobre a mulher negra, pois Conceição não só usa seu texto para dar voz às mulheres, como também se coloca na posição de narradora-ouvinte e assim conduz o leitor para um ângulo no qual o centro que fala é ocupado pelas diversas mulheres que contam suas próprias histórias.

A relevância de discutir o feminino a partir da análise da literatura ocorre porque essa constitui um dos campos de disputa de projetos de sociedade. Tanto é que a emergência de diversos estados modernos utilizaram-se de correntes literárias para produzir noções de cidadania e de direito que imprimiram uma ordem social legitimadora dos novos grupos que ascenderam ao poder. Mas hoje uma análise da literatura também pode mostrar esforços de libertação, como faz o artigo de Adriana Lins Precioso e Giselli Liliani Martins. O ideal de mulher é analisado pelas autoras que identificam mudanças entre um modelo dominante que valorizava a juventude e a submissão feminina, narrada sobretudo por homens, e o que se apresenta nos poemas de Luciene Carvalho. A obra “Dona” revela a mulher madura e sua existência independente de uma figura masculina. A maturidade faz frente à docilidade que trazia consigo a subserviência ao homem. A independência recoloca a cena e o enredo, pois a mulher madura não é mais coadjuvante a partir do momento que toma para si os rumos do seu destino, fala de seus sentimentos e oferece uma interpretação do mundo, atribuindo sentidos a si e ao mundo. Neste artigo a literatura em análise pode ser libertadora!

A teoria feminista ensina que a liberdade depende de processos complexos em que atores se constituem em situações de encontros. Neste sentido se deu o estudo aqui apresentado por Cristinne Leus Tomé e Flávio Silveira da Costa que discutem o surgimento do movimento social feminino “Sinop para elas” na região norte do Estado de Mato Grosso. Marcada por uma colonização da década de 1970, a cidade de Sinop/MT se funda no mito do pioneirismo masculino sulista, ignorando e assim fazendo esquecer o papel de outros grupos sociais, com o composto por mulheres de diversas gerações e regiões do país. Contudo, com a emergência de movimentos femininos atuais nas regiões centrais do Brasil se estabelecem as condições pilares para que em nível local as mulheres se identifiquem como grupo, produzindo entre si os laços de solidariedade que levam à construção do “Sinop para elas”.

Ao se identificarem com as demandas do movimento nacional de mulheres, o feminino e suas questões locais foram recolocadas na cidade e problematizar o discurso colonizador.

As visões sobre o Estado de Mato Grosso, região de economia agropecuária, comumente derivam de narrativas masculinas. E essas, pouco mencionam o papel que as mulheres desempenham no mundo do trabalho. O artigo de Tânia Pitombo de Oliveira e Débora Pereira Lucas Costa analisa as propagandas televisivas “Agro: a indústria-riqueza do Brasil”. Elaborada com a proposta de valorização do agronegócio, dirigido a diferentes públicos, a campanha publicitária produziu um de seus episódios com o título “Veterinárias, agricultoras, pesquisadoras... presença feminina é cada vez maior no campo”. Nesse episódio, segundo a investigação conduzida pelas autoras e tendo como base a Análise de Discurso Materialista, novos sentidos emergem à noção de trabalho no campo, com destaque para a relevância das atividades desenvolvidas por profissionais mulheres. Assim a campanha busca reafirmar sentidos de uma predisposição do país para a produção agrícola, mas já incorpora valores atuais sobre o protagonismo feminino.

O tema do trabalho feminino também é abordado no artigo de Kelly Pellizari que investiga formas de violência física e simbólica impostas sobre mulheres imigrantes e refugiadas no Estado de Mato Grosso. A região, marcada por discursos que imprimem práticas de dominação masculina, acentua suas características quando observada a realidade vivenciada por grupos vulneráveis, como no caso em tela. Ou seja, se a condição de imigrante e refugiado impõe uma triste experiência à pessoa, o artigo mostra que para grupos de mulheres, as dimensões dessa violência são ainda maiores. As conclusões do artigo oferecem forte justificativa para que se pense em políticas públicas de acolhimento aos imigrantes, com especial atenção ao universo feminino.

Encerram o Dossiê as resenhas de Luiz Renato de Souza Pinto, Helenice Joviano Roque-Faria e Claudia Miranda da Silva Moura Franco. A primeira apresenta a obra “Rasuras negras” recentemente lançada por escritoras negras mato-grossenses, trazendo aos olhos do público um conjunto de narrativas sobre ser mulher negra em Mato Grosso. Ao mesmo tempo em que a obra se opõe aos sentidos consolidados sobre as interações sociais na região, ela dialoga e harmoniza com outras vozes femininas que no cenário nacional demandam reconhecimento.

E dentre as vozes mais relevantes na literatura atual cabe destaque para Luciane Carvalho que tem seu livro “Dona” apresentado na segunda resenha. Mulher experiente na luta pelo direito de ser cidadã, Luciane Carvalho é símbolo para encerramento do Dossiê porque suas linhas marcam um caminho arduamente percorrido pelo feminino que é negro. E esse “negro” é cor, é situação, é condição imposta. Mas é também o que impulsiona a luta pela liberdade. E isso é ser mulher, mulher negra que é dona de seu corpo, de sua mente e de sua luta!

Uma boa e reflexiva leitura para todas e todos nós!

Lucio Lord

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)  
Campus Universitário Universitário Jane Vanini (Cáceres/MT)